

DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

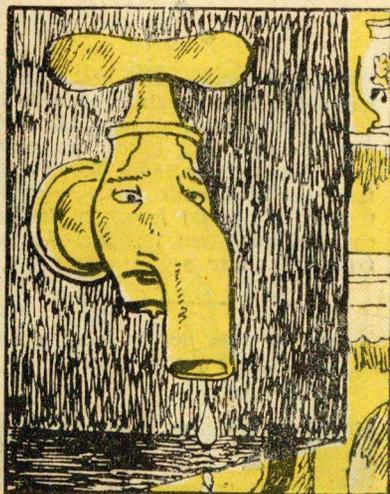
**O SECULO**

DE SANTA  
RITA

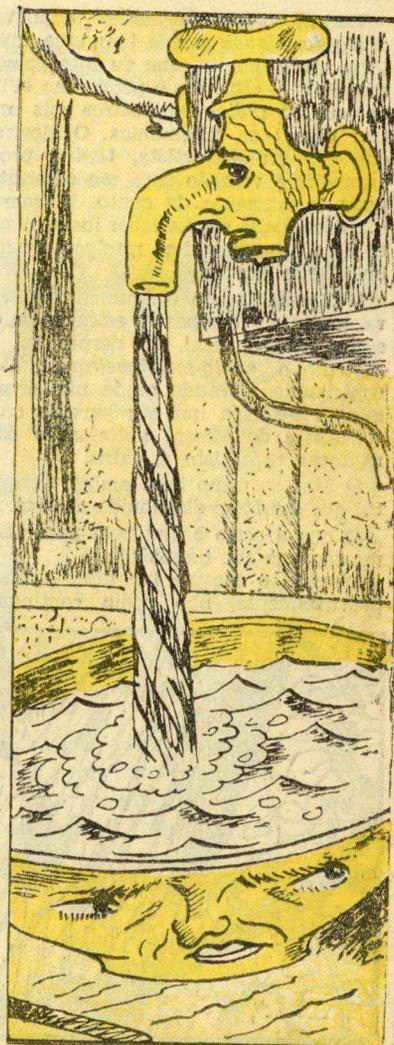
# CONCLUSÃO LÓGICA

POR LAURA CHAVES  
DESENHOS DE A. CASTAÑE

Por cima do lavatório  
uma torneira amarela,  
brilhante, lustrosa, bela,  
falava, em tom peremptório,  
a uma senhora bacia,  
que, com ar de pouco esperta,  
ouvia, de bôca aberta,  
o que a torneira dizia:  
—Eu sou um ente perfeito,  
útil, cheio de beleza.  
Sou quem regula a limpeza  
cá nesta casa, a meu jeito.  
Basta dar uma voltinha  
à minha linda cabeça  
para que a água apareça  
e corra pura, limpinha.  
Nunca a humanidade inteira,  
em inventos afamada,  
magicou, inventou nada,  
de mais valor que a torneira.



Um dia a má sorte quis  
que a torneira — ó raridade! —  
sentisse certa humidade  
na pontinha do nariz.  
Dizia a pobre, vexada,  
meio a chorar, meio a rir;  
— Eu sinto o pingo a cair,  
decerto estou constipada.  
Foi isto uma quinta-feira.  
Quando chegou o domingo  
já não era pingo, pingo,  
o que deitava a torneira.  
Era água em borbotão  
que com barulho caía  
para dentro da bacia.  
Esta, já sem dar vazão,  
gritava-lhe atrapalhada  
mesmo cheia, a transbordar;  
— Olhe que eu vou vomitar  
não seja assim desalmada!  
Para lá a inundação!  
Dê uma volta à cabeça!  
Como quere que eu lhe peça?  
Não tenha mau coração!  
Nisto, ouviu-se uma vozinha,  
que saía da torneira,  
falando desta maneira:  
Ouve, bacia parvinha,  
basta de tanta tolice.  
Sou a válvula oprimida,  
gastei tôda a minha vida  
e sem que ninguém me visse,  
humilde, oculta, ignorada,  
a vedar esta torneira.  
Hoje, morta de canseira



(Continua na página 7)

# OS RUFANTES DA FLORESTA

POR JOSE AUGUSTO DO VALE  
DESENHOS DE A. CASTAÑÉ

Quando passais pelo campo, meus amiguinhos, já deveis ter ouvido um constante «rrre... rre... rre...» nas partes carcomidas das árvores. É uma operação feita pelo «Pêto formigueiro», afim de fazer sair as «formigas laticas» que lhe não-de servir de refeição.

Esta ave, do tamanho dum tordo, tem a plumagem esverdiada como as fôlhas das árvores, onde procura esconderijo. Há ainda outro pêto, mais corpulento, também esverdiado com uma grande tarja vermelha na cabeça, a que chamam — «O lavadinho rinchão». A seu tempo nos ocuparemos dele.

Tanto um como o outro, são, também, conhecidas pelo nome de «Pica-pau».

Na Primavera fazem o ninho nas pequenas tocas das árvores para onde conseguem entrar por meio dum buraco que eles fazem a poder de muito rufar.

Vamos, pois, ocuparmo-nos, hoje, do «Pêto formigueiro» que tem uma história muito bonita, que eu lhes passo a contar: — «Um dia o pequenino «Pica-pau» ou «Pêto-formigueiro» quiz entrar para uma filármonica. O Mestre que era grande artista, tentou procurar-lhe a vocação para um determinado instrumento de canto. E, como não desse nada em qualquer instrumento de escala cromática resolveu distribuir-lhe o bombo.

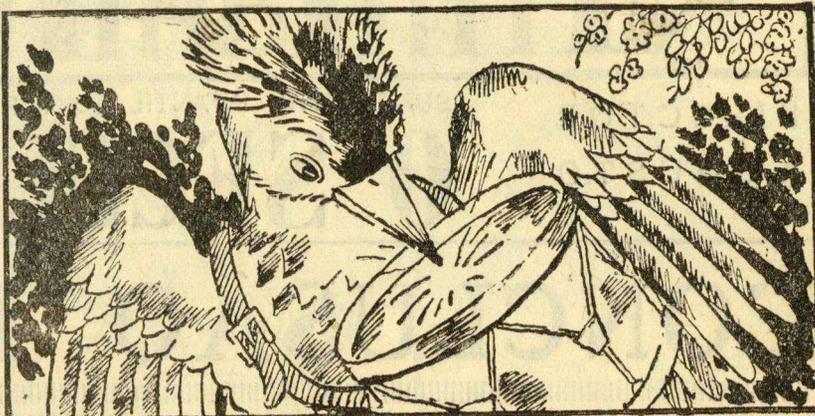
Mas, como neste instrumento faltava muito ao compasso, estragando o andamento musical, foi despedido.

Ficou o «Pêto-formigueiro» muito contrastado. Contudo ainda não desaminou. Pediu a um seu parente que solicitasse do Mestre autorização para tocar rufo; isto é, caixa.

O Mestre, como bom amigo, permitiu que lhe fôsse distribuída a caixa.

O que é certo é que nem para isso mostrou grande habilidade.

Quando o Mestre lhe disse — «que, provavelmente, não podia continuar



na musica, porque não tinha vocação» — até chorou com pesar.

Pediu, ainda, que lhe dessem um certo praso de tempo para estudo, findo o qual se apresentaria novamente ao ensaio.

O Mestre consentiu.

\*

\* \*

Partiu o «Pêto-formigueiro», imediatamente, para uma floresta, onde foi ter com a sua comadre trepadeira que é uma pequenina ave, de côr parda-centa, a qual «tem dêdo» em assuntos de rufo. Depois de lhe contar coisas da sua vida, acabou por lhe dizer o seguinte: — «Comadre, sei que és exímia no rufo que tu fazes na casca das árvores por onde trepas, dando voltas, afim de obteres os bichitos que te servem de guloseima. Não me poderias dar umas lições sôbre rufo?»

— «Então, porque não, Compadre? Nós sômos uns para os outros. E digo-te mais — «Quem tem fé e não perde a Esperança, com o trabalhinho sempre tudo alcança».

— «Pois bem. Então, amanhã, começaremos as lições.

— «Está dito».

\*

\* \*

Apresentou-se, no dia seguinte, o «Pêto-formigueiro» á lição e observou como ela fazia com o bico. Começou, depois, a exercitar-se pelos troncos sêcos das árvores por darem melhor som, passando dumas para as outras, com o entusiasmo do seu delirante — «rrre... rre... rre...»

Tanto «rrre... rre... rre...» fez, que, passado algum tempo, já estava habilitado a dar lições a outro.

Findo o tempo que tinha sido marcado para verificação de provas, apresentou-se o «Pêto-formigueiro» ao Mestre, fazendo um papel de rufo, tão completo, que foi admirado por tôda a assistência com muita satisfação.

Em face da prova brilhante, foi-lhe permitido tocar caixa, enquanto a filármonica existisse. E o que é certo é que êle desempenhou sempre ótima-mente o seu papel.

\*

\* \*

Passados muitos anos acabou a filármonica. Mas a paixão ou vício da Caixa ficou, de tal maneira, tão arreigado, de pais para filhos, que, ainda hoje, depois de passados tantos anos, todos os Pêtos continuam a rufar nos troncos velhos do arvoredo, fazendo com o bico o seu imutável — «rrre... rre... rre...»

A teimosia com fim de saber, é uma virtude que dá prazer.



F I M

# A UNIÃO FAZ A FÔRÇA

Por ARGENTINITA

Desenhos de A. CASTANÉ

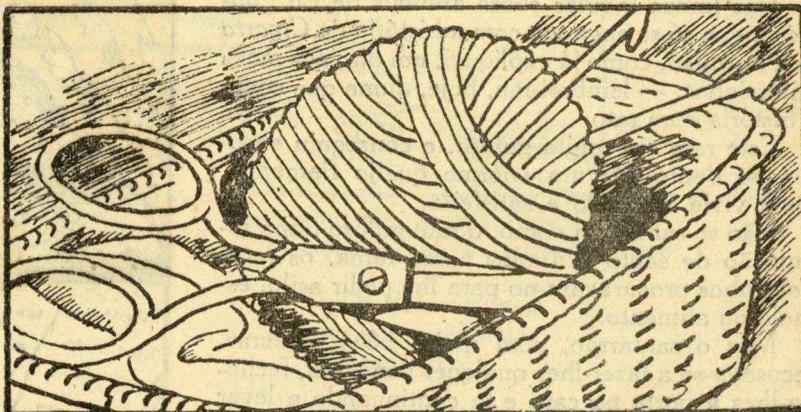
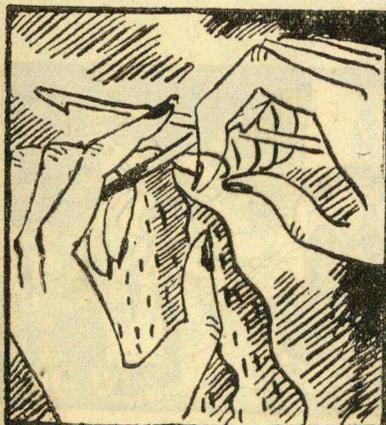
Entre um novêlo de lã,  
De côr vermelha, louçã,  
E as agulhas de tricôt,  
Houve, um dia, em certa altura,  
No cestinho da costura,  
Discussão que apavorou.

Dom dedal larga a chorar,  
E uma agulha de bordar  
Deu um ai, e desmaiou...  
De pavôr tremia a linha,  
Pôs-se em fuga a tesourinhã  
Só o cêsto em pé, ficou...

A ouvir, mui divertido,  
O horrivel alarido  
Das agulhas, malcriadas,  
Que, nisto, mui lestras, dão  
Um pulinho para o chão,  
E, peçonhentas, danadas,

Dizem assim ao novêlo:  
— «Ora saiba, seu Camelo,  
«Que, sem nós, nada valia!  
«Pois, para você brilhar,  
«Temos nós de trabalhar,  
«Como escravas, noite e dia...»

Porém o novêlo, esperto,  
Encolhido, mui quieto,  
Não tugia, nem mugia...  
Enquanto o bom do cestinho,  
Com ar velhaco, escarninho,  
Desta cêna, ria... ria!...



Então, num grande arreganho,  
Ante silêncio tamanho,  
Tornam elas, com desdém:  
— «Você, sempre aí de bôrcó,  
«Com o madraço do pôrcó,  
«Palavra, parecenças tem!...

«E veja bem: — nada faz,  
«De nada mesmo é capaz,  
«Sem a nossa ajuda ter!  
«Nós de ninguém precisamos,  
«Obra linda executamos,  
«Só com o nosso saber!...» —

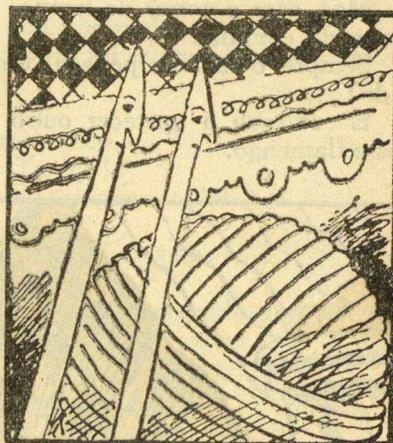
Ouvindo palavras tais,  
Berra o novêlo: — «E' demais!  
«Que línguas tão vis, daninhas!  
«E, embora só façam rir,  
«Vou, num pronto, destruir  
«Vossas injúrias mesquinhas!...

«E' certo que nada valho  
«E não produzo trabalho  
«Mas, ó suas delambidas,  
«Suas tôlas, atrevidas,  
«Que muito julgam valer,

«Não valem mesmo de nada,  
«Se umas mãozinhas de fada,  
«No trabalho as não guiar,  
«E se eu, embora mesquinho,  
«A lã, num bom fiozinho,  
«Lhes não dêr para bordar!

«Ouçam êste dito antigo,  
«Que é, também, conselho amigo  
«De quem pelo bem se esforça...

— Sózinhos, nada podemos,  
Mas juntos, tudo vencemos,  
Pois a união faz a fôrça!... —



Nisto, as pobres, a chorar,  
Vão o novêlo abraçar  
E murmuram: — «Tens razão!  
Bem nos fizeste entender  
Que p'ra lutar e vencer  
Tem que haver santa União!...

F I M

# CONCLUSÃO DUMA FÁBULA

Por ANÃO SABICHÃO  
Desenhos de A. CASTAÑE

Das lindas fábulas sôbre animais de *La Fontaine*, que só se enganou com a história da *Cigarra e da Formiga*, como já expliquei, um dia, aos meus leitoresinhos, — lembrei-me, hoje, duma que conta a história dum rato.

Este rato era muito guloso, e conseguiu encastrar-se dentro de um enorme queijo flamengo, onde vivia regalado e satisfeito.

Não se sabe bem como, o rato gulôso tinha reputação de santo e, fiados nessa fama, os ratos pobrinhos procuravam-no para lhe pedir asilo, esmola ou alimento.

Mas o santarrão, com muito boas palavras, recusava-se a fazer-lhes qualquer benefício, fechava-lhes a porta na cara e ia continuando a levar bôa vida, fingindo-se sempre muito humilde e desinteressado.

Ora a história que *La Fontaine* conta, acaba aqui, mas o vosso Anão ouviu, lá nos campos, a umas formigas muito bisbilhoteiras, do seu conhecimento, o resto da fábula do tal rato embusteiro e egoísta.

O espertalhão, passava a vida a comer e a dormir, dentro da tal caverna, no meio do queijo, que o seu dentinho ia alargando, de dia para dia.

Mas, com o correr do tempo, o bicho enfatiou-se da comida.

Sempre o mesmo petisco, tornava-se aborrecido!

E começou a apetecer outro queijo que não fôsse flamengo.



— Nada! Isto tem que ser!

Preciso mudar de casa, senão vomito esta! — pensou o rato, com os seus botões. — Amanhã vou procurar um queijo doutra qualidade, *Gruyère*, por exemplo, que é o que me faz agora crescer água na boca. Mas, a falar a verdade, tenho uma certa pena de largar êste que tão bem me sustentou!... O melhor será, para despedida, tomar uma fartadela...

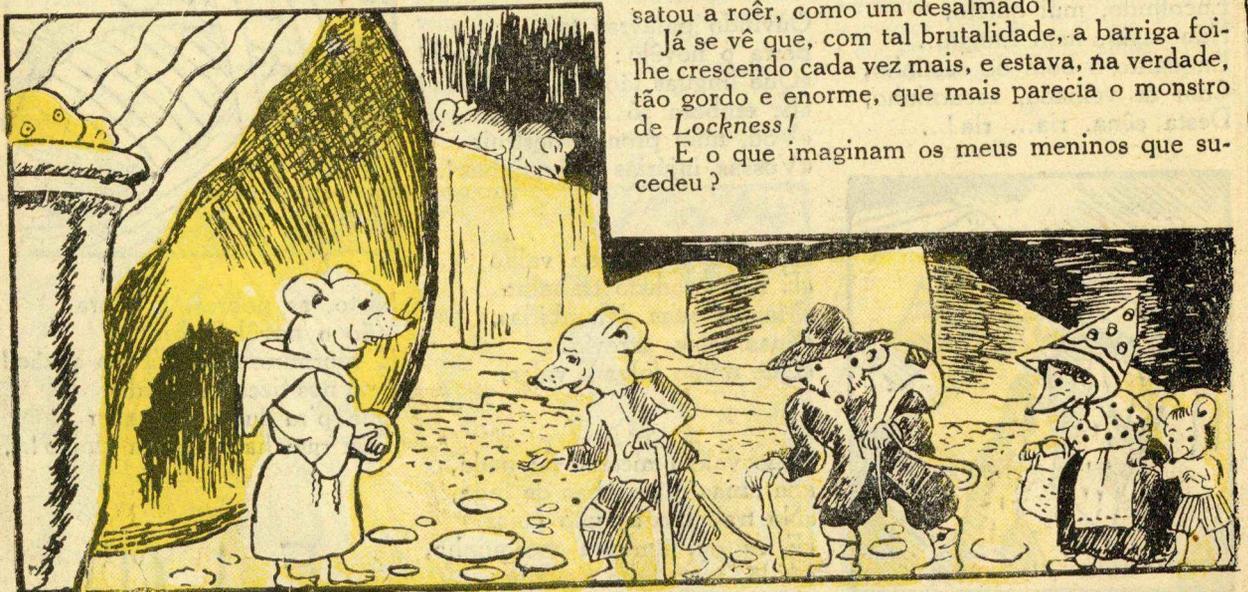
Assim, ao menos, não ficará cousa alguma para outro freguez! —

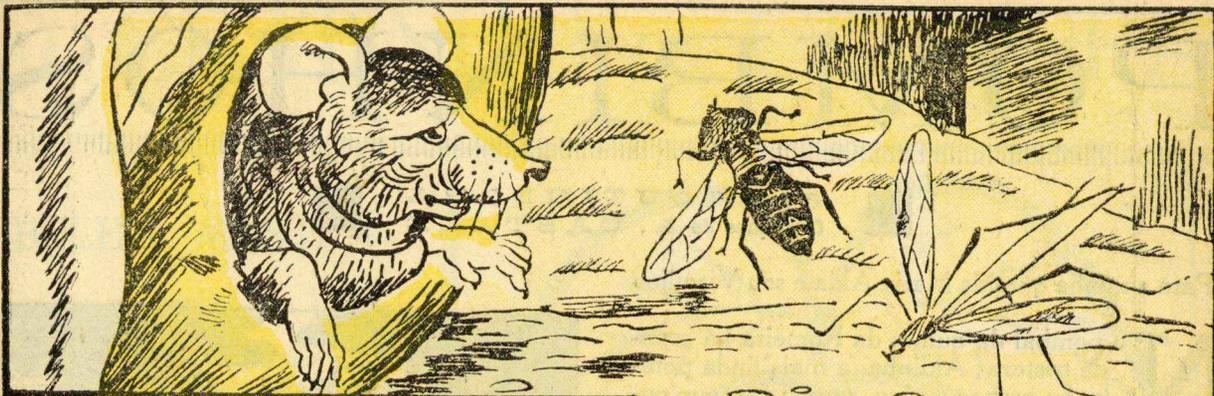
Se bem o disse, melhor o fez!

Numa fúria de gula e desespero de sovina, desatou a roer, como um desalmado!

Já se vê que, com tal brutalidade, a barriga foilhe crescendo cada vez mais, e estava, na verdade, tão gordo e enorme, que mais parecia o monstro de *Lockness*!

E o que imaginam os meus meninos que sucedeu?





Quando o nosso ratinho quiz sair, ficou entalado, com a cabeça, para fóra e o corpo para dentro.

Nessa ocasião, passou uma formiga, — antepassada das tais que me contaram esta história, — e disse-lhe :

— O' Rato ratão,  
o que estás então,  
fazendo á janela? —

— E' que a noite é bela! —

respondeu êle, sem dar a pata a torcer.

Passou a seguir um mosquito, ze-ze-ze, zumbindo :

— O' Rato ratinho,  
estás ao postiguinho?  
Que graça que tem! —

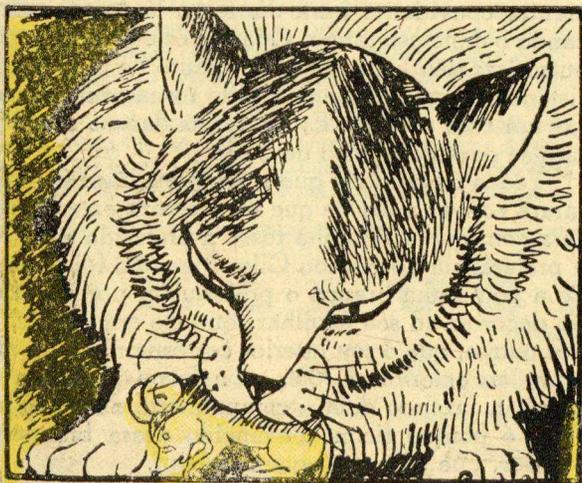
— Eu espero o meu trem. —

respondeu êle, sem se desconcertar.

Passou depois uma barata e disse-lhe :

— O' Rato, rataio,  
sempre de atalaia!  
Palavra, comove!...

— Estou a vêr se chöve. —



respondeu êle, imperturbável.

Passou, depois, uma traça e disse :

— O' Rato ratencia,  
que faz vocelência,  
especado aí? —

— Espero um taxi. —

foi a resposta serêna do figurão.

Passou depois um aranhicho e disse :

— O' Rato rataio,  
feito papagáio  
aí, tão burlêscio? —

— Estou gozando o fresco! —

respondeu êle, sem pestanejar.

O pior da história foi quando passou a môsca e disse :

— O' Rato rateco,  
aí vem o Tareco!  
Para onde vais, meu guápo?

— Vou parar-lhe ao papo! —

respondeu, então, o rato, tremendo de mêdo, ao vêr que não tinha meio de se salvar.

E o que foi mais engraçado,  
é que o rato foi papado!  
E o que ficou de sobêjo?  
Foi o queijo! —

E' esta a história que os bichos contam uns aos outros, muito divertidos com tal conclusão!

Também os meus amiguinhos, certamente, gozaram com êste desfecho que castigou o rato da muita gula e do muito egoísmo.

# POMBINHOS

Por TOUTINEGRA  
Desenhos de A. CASTAÑÉ

«Para a minha querida Maria Alda e seu Virgílio»

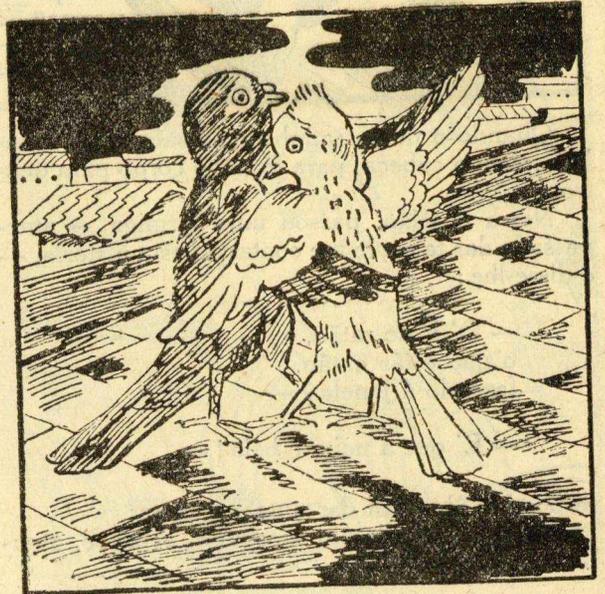
**N**o pombal da quinta da Romeira há grande tristeza; Aldinha, a mais linda pombinha branca, voou, rumou para um outro pombal mais distante.

Eu vou contar-te, meu querido leitor, como êste caso se deu: — Era festiva aquela linda noite de luar, no calendário dos pombos. A-fim de a passarem alegremente, haviam-se reunido no amplo terraço dum velho palácio muitas dessas gentis avesinhas, que dansavam animadamente. O Jazz, acabara de tocar, um lindo tango; o terraço, muito bem iluminado pelo esplêndido luar, estava quási repleto, quando surgiram mais três personagens; um pombo e duas pombinhas que deviam ser duas filhas, uma branca, toda branquinha, mais parecendo uma bolinha de neve; era a pomba Aldinha, e a outra, a Vi, não era menos encantadora. Unicamente as suas penas, dum cinzento clarinho, tinham, talvez, menos brilho.

A' sua entrada, houve grande rumor; os pombos dansarinos apressaram-se a compôr as asas, que tencionavam «arrastar» durante toda a noite; na seguinte valsa um, dos mais ousados, foi convidar Aldinha; dansaram arulharam, e assim foi corendo a vez a todos. Só uma coisa causava pasmo; já vários pombos haviam tentado tornarem a dansar com a pombinha branca mas nenhum conseguira ver realizado o seu desejo. Encontravam sempre uma recusa razoavel.

Isto causava admiração e em todo o terraço esta atitude era comentada por cada qual a seu modo.

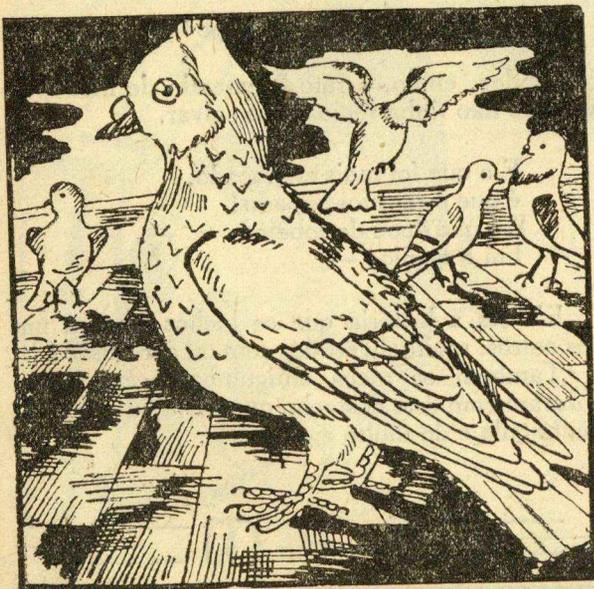
Em dada altura, Aldinha deixara-se ficar sen-



tada; todos ambicionavam estreitar, novamente, o seu airoso e leve corpinho mas nenhum se atrevia. Estavam nesta conjuntura que, diga-se de passagem, se tornava desfavorável á pombinha branca, a quem todos já acusavam de excessivamente vaidosa, quando surgiu um novo pombo. Era Gilo. Vinha, de muito longe, atraído pela fama das belezas que frequentavam aquele baile. Era um pombo encantador, corpulento e airoso em sua plumagem escura. Relanceou um olhar pelo terraço e concordou com os que gabavam os encantos do baile. Sim, estavam ali muitas pombinhas lindas e, como todos, distinguiu, logo, a mais bela entre as belas, a requestada pombinha branca. Assim que o Jazz principiou a tocar novamente, convidou-a para dansar e lá foram marcando o delicioso tango. Quando êste findou, logo outro jazz deu lugar, ante o espanto de toda a assistência, a que Aldinha e Gilo tornassem a dansar um com o outro. E, assim, as dansas sucederam-se durante o resto do baile.

Todos os pombos que a êle assistiram se retiraram convencidos de que só a beleza exterior fizera com que a Aldinha fôsse a preferida e desse a preferência ao pombo Gilo. Mas não foi assim. Se a pombinha branca o preferiu foi porque viu, no decorrer do seu arrulhar, que êle era diferente dos outros, que o seu interior correspondia, em alvura, ao exterior. E êle, se a levou para o seu pombal, fazendo dela a companheira de todos os dias, é porque ficou convencido dessa brancura interior, que só possui quem é bom.

Que Deus abençõe êste lindo par de pombinhos e lhes dê muita ventura.



# O CESTINHO DA COSTURA

POR

## ABELHA MESTRA

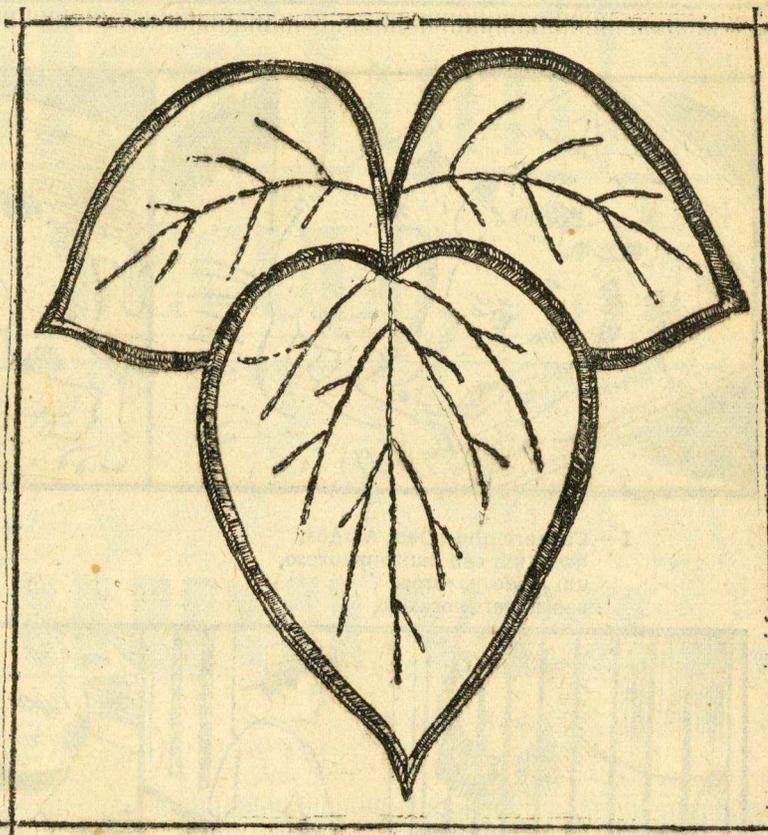
*Queridas abelhinhas*

Entre os vários objectos que são precisos na vossa mês de estudo, há um que, embora não pareça, torna-se bastante útil e indispensável. É o limpa-penas, onde, acabada a tarefa da escrita, se enxuga o aparo para que, na vez seguinte, continue a escrever sempre bem. Esse modelo, que hoje vos dou, é muito fácil e bonito.

Precisam escolher uma flanela de lã prêta, bastante grossa para que não deixe repassar a tinta.

Com algodão *perlé* verde, matisado, bordam, a recorte, o contôrno das fôlhas. As nervuras são feitas com o mesmo algodão em ponto de flôr.

Vossa — *Abelha Mestra*



## CONCURSO EPISTOLAR

Por absoluta falta de espaço, nos números anteriores, só hoje me é possível publicar os nomes dos meus afilhadinhos, que merecem especial referência, pela maneira como redigiram as suas cartas no «Concurso Epistolar» que organizei.

Não foram premiados, mas devo realçar os seguintes que revelam bastantes qualidades a aproveitar:

Mariazinha, Eulália dos Ramos Vaquinhas, Júlio Afonso Simões, Maria da Graça dos Santos Vaquinhas Soares, Edite Vitória de Melo e Silva, José de Campos Rodrigues, Manuel Pinheiro Duarte, Maria Antonieta Ramos Vaquinhas, Ana Emília M. Martins, Lina Silva, Aurora Nogueira Oliveira, Anibal José da Silva Rodrigues, Pilar, António Viegas de Abreu Proença, Maria Manuela Guerreiros, Enrique José Barreto Carvalho da Rocha, Zilda Tomé Calado, Ivania Mendonça, Afonso Antunes de Castro, Maria Manuela de Lourdes dos Reis Rodrigues, Maria Isabel Simões Dias, Vitor Manuel de

Oliveira Fontes, Celso Júlio Pedroso Pereira, Mario Emilio Teixeira, Maria Celeste Gomes da Silva, Vitor Manuel Barata, João dos Santos Gonçalves, Arminda dos Santos Montijo, Maria Rosa Pita, Glicinia Vieira Quartin, Jorge Rosa, João Rodrigo Narciso Furtado, Maria Pestana Teixeira Rodrigues, Paulo Diniz de Abreu, Maria Gabriela de Oliveira, Manuel Pinheiro Duarte, José Gaspar, Maria do Rosário Agostinho da Fonseca Salvação, Jacinta Luiza da Silva, Dália Teixeira, Luiza Pomar, Leonila de Oliveira Beijinhos, Arminda da Conceição Miranda Machado, Maria Luiza Pires, Maria Manuela dos Santos Henriques.

E agora, meus queridos amiguinhos, quando quizerem conversar com a vossa madrinha e amiga, escrevam-me, porque sempre me darão prazer as vossas simpáticas e afectuosas cartinhas.

Beijinhos da amiguinha e madrinha

GRACIETTE

## CONCLUSÃO LÓGICA

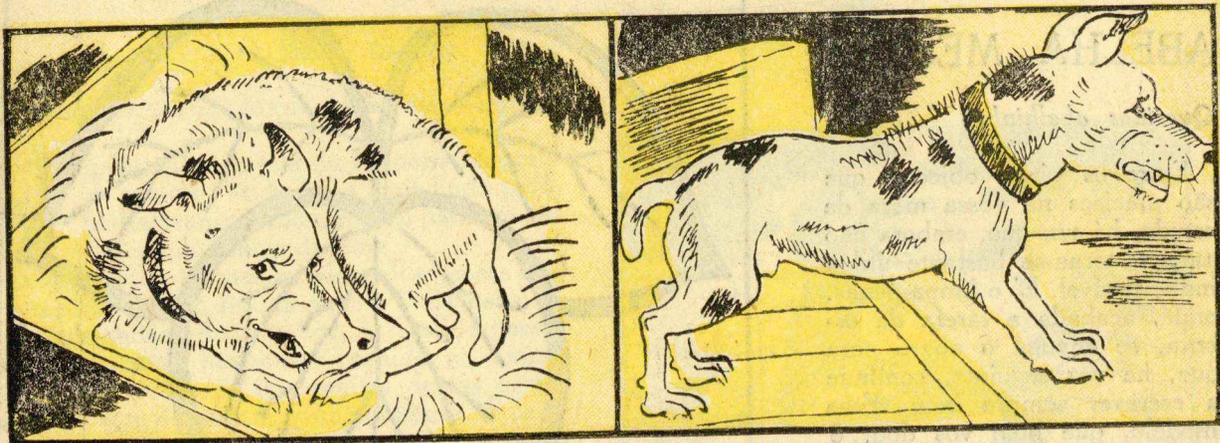
(Conclusão da página 1)

pela pressão triturada,  
pela fôrça e pelo uso,  
eu deixo a água cair  
sem que ela o possa impedir  
pois não lhe seguro o guso.

A importância que ostentava  
essa torneira amarela,  
era bem minha e não dela  
porque era eu que lha dava.

.....  
É quanta gente altaneira  
que de presunções exulta  
não terá válvula oculta  
assim como esta torneira ?

# O CACHORRINHO MEDRÔSO



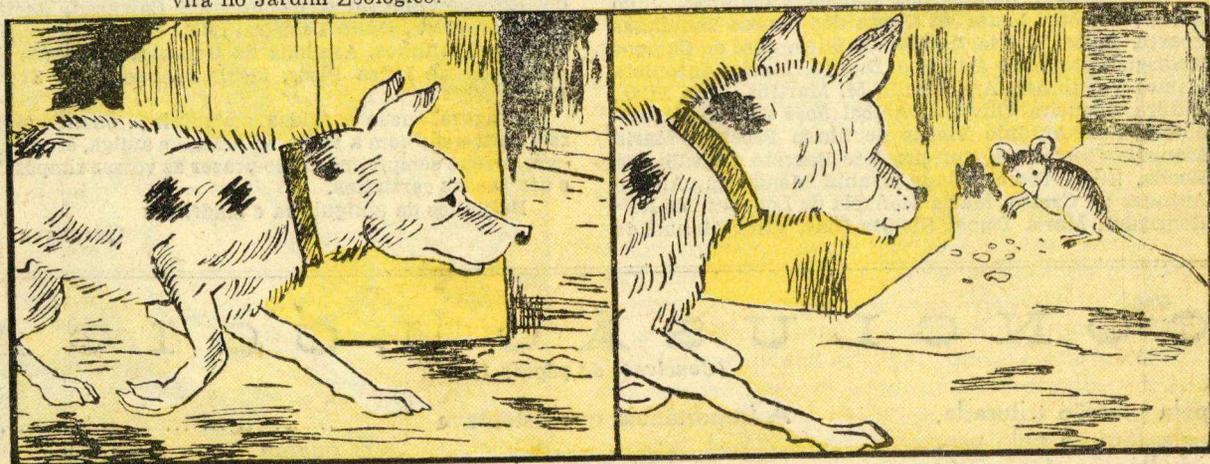
I — Cachorrinho «Dom Aô-Aô», que é um cão muito medroso, um ruído pavoroso sentiu certa ocasião.

II — Tremendo, qual verde vara, o cachorrinho caguinchas, pôs-se a mirar dentre as frinchas do caixote, o que o causara.



III — Não há dúvida! Era lógico. Uma garra que rangia... Talvez o leão que, um dia, vira no Jardim Zoológico.

IV — Já não estava nada grêdo, o cãozinho na verdade! Porém, a curiosidade foi mais forte do que o medo.



V — Levanta-se, e quase esbarra no caixote, a-fim de ver donde vinha o tal ranger, o horrível ranger de garra!

VI — Avança num desatino... Mas — ó surpresa! — não era o leão; em vez da fera, vê um rato pequenino.

VII — Qu'reis dêste conto a lição? — Todo o medo é insensato: pois faz dum pequeno rato, um perigoso leão.